

O FIGUEIROENSE

SEMENARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Sets meses	\$600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Numero avulso.	30 "

Anuncia-se as horas das quaes se recba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
 Administrador—RUA DA AGUA
 FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem
 Annuncios permanentes e communicados
 preço convencionado.

EXPEDIENTE

Achando-se preenchidos os recibos referentes a um anno d'assignatura d'este semanario, contado do dia 20 de agosto de 1907 a igual dia de agosto do corrente anno, roga-se aos Ex.^{mos} assignantes a obsequiosidade de mandarem pagar os seus recibos ou declararem se desejam que a cobrança seja feita por intermedio do correio, favor que antecipadamente muito se agradece.

PORTUGAL E BRAZIL

Se há nação que nos mereça afeição especial, é sem duvida o Brazil; nem isso é para estranhar attendendo a que a grande nação da America do Sul faz parte integrante da raça aventureira, intrepida e destemida que, das plagas lusitanas, sabiu singrando por mares temerosos, em busca de novos continentes de ilhas e terras desconhecidas, abrindo ao mundo outros rumos e á civilização outros horisontes; raça que Camões cantou nos seus immortaes *Lusíadas* e que tem no Brazil a melhor e a mais brilhante demonstração dos seus heroicos arrojões e a mais preciosa garantia da continuação da sua gloriosa historia e de perpetuidade do seu nome.

E' o Brazil para nós uma segunda patria; é igualmente um vasto campo de actividade, onde muito braço portuguez vai encontrar trabalho, que a mãe patria lhe não pôde dar; onde os mais activos e energicos podem ser favorecidos pela fortuna. Irmãos pelo sangue, pelos affectos e laços de familia, pela lingua que falam, os dous povos comprehendem-se, sentindo-se alegres ou tristes com o jubilo ou as adversidades de cada um.

Pois bem, apesar de tudo isto, entre Portugal e o Brazil não ha um tratado de commercio que colloque os dous povos na situação que a propria historia lhes designa.

Ninguem ignóra que, na

grande lucta pela vida, é o commercio o primeiro a affirmar essa lucta com as suas competencias, rivalidades e egoismos. E' um campo em que cada um trata de si, sahindo vencedor o que melhor armado estiver e mais bem apetrechado entrar n'elle.

Ora, o mercado do Brazil é para nós o mais importante pelo consumo que dá aos nossos vinhos finos, espumosos e de pasto; ao azeite nacional; á cortiça dos nossos sobreiros; ás fructas dos nossos pomares; aos productos da nossa industria de conservas e até de varios artigos da industria fabril. E' um grande consumidor, que poderia ser muito maior se as relações e os laços de sangue e de amizade que existem entre os dous povos, fossem fortalecidos por um bom tratado de commercio, que até hoje ainda se não pôde concluir devido a circumstancias diversas.

Actualmente, é certo, alguma cousa se tem trabalhado n'esse sentido, havendo chegado ultimamente a Lisboa um dos nossos mais distinctos agentes de negocios commerciaes e consulares, Sr. Jayme Segnier, que esteve algum tempo no Rio de Janeiro, onde entabou, affirma-se, os preliminares das negociações para o desejado convenio commercial entre Portugal e Baazil.

Ignora-se ainda até que ponto chegaram essas negociações e se o tratado será viavel e virá a concluir-se. Como quer que seja, o sentir geral é que se realice alguma cousa, pois as outras nações, sobretudo a França, a Italia e a Hespanha, não se poupam a esforços para obter no mercado brasileiro uma posição favoravel para os seus vinhos e ainda para os outros productos agriculas.

Como em materia de negocios não ha sentimentalismos, nem considerações de ordem espiritual, a lucta pôde vir a ser-nos desfavoravel se não soubermos aproveitar a situa-

ção em que estamos com respeito ao Brazil, situação especial que até certo ponto pôde concorrer para a obtenção d'algumas vantagens. Cruzar os braços é que de maneira alguma. Mais que nunca impõe-se hoje o dever de consolidar o que está realiado, devido á iniciativa particular do nosso commercio e ao patriotismo dos bons portuguezes estabelecidos no Brazil.

NOTICIARIO

Retirou na quarta feira ultima para Lisboa com toda a sua familia o Ex.^{mo} Sr. Commendador José Malhoa.

O insigne artista leva consigo uns estudos, que depois d'aproveitados no quadro a que são destinados devem produzir um lindo effeito.

Já se encontram na sua quinta do Ribeiro Travessa, a mandar fazer a sua vindima, os nossos presados patrios Srs. Joaquim Lopes de Paiva e Antonio Lopes de Paiva.

De volta de banhos do mar já se encontra n'esta Villa o habil advogado n'esta comarca o Sr. Dr. Marcolino da Silva e sua esposa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Bebiãna.

Tambem já regressaram de ferias todos os Srs. Escrivães do juizo d'esta comarca e respectivo Contador.

Por ter sido mordido por um cão hydrophobico acha-se em tratamento em Lisboa o nosso amigo Sr. Manuel Gameiro Santos, acreditado commerciante n'esta Villa.

Retiram hoje para Lisboa as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria d'Araujo Lacerda e D. Emilia d'Araujo Lacerda.

Acha-se em vias de restabelecimento, do incommodo que tem soffrido em resultado d'uma pancada que deu em uma perna, o nosso amigo e assignante Sr. Antonio Luiz Agria, o que muito estimamos.

Esteve esta semana n'esta Villa o nosso assignante e amigo o Sr. Manuel Henriques Lopes, do Troviscal.

Tambem tivemos o gosto de receber na nossa redacção o nosso assignante Sr. Sebastião Diniz de Carvalho, que tendo residido na Povo-

de Santa Fria, vae fixar a sua residencia em Alhandra.

Já regressaram a esta Villa, os nossos presados patrios e amigos Srs. Dr. Jovenal Quaresma Paiva e seu pae João Lopes de Paiva e Silva.

O nosso amigo e digno Secretario da administração d'este concelho Sr. Carlos d'Araujo Lacerda, já se encontra n'esta Villa de volta da Figueira da Foz.

Tem passado bastante incommodada de saúde a esposa do nosso amigo e assignante o Sr. Augusto Martins, honrado proprietario da Lavandeira. Os nossos sentimentos.

Foi promovido a 1.^o aspirante de fazenda e collocado em Coimbra o nosso bello amigo o Sr. Julio Pessoa Leitão.

De passagem para Castanheira de Pera, tivemos o gosto de comprimentar na nossa typographia, no dia 26 de setembro p. findo, o nasso presado assignante Sr. Jacintho Alves Callado, acompanhado de seu predilecto filho.

Baptisado

O nosso bom amigo e assignante o Sr. Manuel Dias Coelho, proprietario d'esta Villa, mandou baptisar no dia 27 de setembro ultimo a sua filhinha recém-nascida com o nome de Maria Antonia.

Foram padrinhos da neóphyta sua mana D. Alda Dias Paiva e seu tio o Sr. Antonio Lopes de Paiva.

Fallecimentos

O nosso querido amigo e illustre patrio, o Sr. Dr. Eduardo Nunes d'Olveira, habil medico em Mertola, acaba de perder sua extremecida esposa, que succumbiu aos estragos d'uma lesão cardiaca.

Avaliamos a intensidade da dor que feriu o coração d'aquelle nosso presado amigo e d'aqui lhe enviamos a expressão sincera do nosso sentimento por tão grande perda.

Tambem falleceu no lugar d'Alge da freguezia de Campello, d'esta concelho, a esposa do nosso amigo e assignante Sr. Manuel Lourenço dos Santos, a quem esta redacção apresenta os seus sentimentos, bem como a seu filho e nosso amigo o Sr. Joaquim Lourenço de Campos, digno professor ajudante n'esta Villa.

O AEROPLANO

Não falta quem julgue já como resolvido o problema da navegação aerea, não por meio do balão dirigível, mas pelo aeroplano, isto é, pelo mais pesado que o ar. A imaginação, porém, vòo tão rapidamente e acompanha o desejo de um modo tão extraordinario, que na verdade não olha ás difficuldades, que ainda é preciso vencer para que o problema fique inteiramente resolvido.

É certo que muito se tem caminhado. Desde as primeiras tentativas de Santos Dumont até ás dos dous irmãos norte-americanos Orville e Wilbur Wright, a distancia é realmente grande. Os resultados obtidos pelos dous irmãos, um em França, o outro nos Estados Unidos, além do character sério que apresentam, são uma verdadeira contribuição para que em um futuro mais ou menos próximo a navegação aerea se torne uma causa boa e útil, como está succedendo com o automobillino, com o phonographo, com o telephono, com o telegrapho sem fio, e com outros progressos e inventos, dos quaes nem mesmo se falava ha meia duzia de annos.

Por outro lado os governos das grandes potencias preocupam-se com o problema da navegação aerea, pois é desnecessario dizer que a nação que mais depressa fór senhora do espaço, será ella a primeira a impôr-se ao mundo.

A França trabalha afanosamente n'esse sentido, tendo creado uma Liga aerea com o fim de premiar e proteger os inventores de aeroplanos e de balões dirigiveis. Para esta Liga cada socio entra com a quota mensal de cinco francos ou 60 annuaes, havendo-os tambem que pagam a annualidade de 100 francos.

Esperam os fundadores da Liga aerea obter 50 000 socios, o que daria uma verba importante ao fim do anno. Ora, como é com o dinheiro que tudo se vence, não será para admirar que seja a França a primeira a tomar-se senhora do ar.

A Alemanha tambem não despresou o problema, tendo já começado a construir uma esquadra aerea,

desde o triumpho alcançado pelo conde Zeppelin, triumpho seguido mais tarde por alguns reveses. A Alemanha, porém, não é nação que desanime e a frota aerea não tardará a ser allí uma realidade.

A Inglaterra igualmente trabalha com afinco. Não quer ficar atraz das outras nações, tendo em seu poder um motor que revolucionará, diz-se, a navegação aerea.

A Italia ainda não sahio do campo dos balões dirigiveis, mas não tardará sem duvida a consagrar as suas attentões ao aeroplano, como está fazendo o governo russo que fundou premios no valor de 50.000 rublos (cerca de 30 contos) que serão divididos pelos vencedores nos concursos dos balões dirigiveis e aeroplanos que se realizarão em S. Petersburgo, em julho de 1909.

Quanto aos Estados-Unidos muito se tem dito a seu respeito, mas de verdade pouco se sabe. O que não se ignora é que os seus inventores empenham-se em resolver o problema, assegurando-se que, em consequencia das exigencias de Orville Wright, o governo americano deliberou dar começo a uma serie de construcções que muito contribuirão para a conquista do ar.

Tal é no presente momento o estado em que se encontra o problema da navegação aerea. A conquista do ar ainda não é definitiva; mas quer essa conquista se obtenha hoje, quer amanhã, é facil de comprehender que revolucionará o mundo e até o modo de ser das nações.

A propria guerra passará por grandes e profundas modificações, havendo quem preveja o seu termo desde que um paiz esteja á mercê de um balão dirigivel ou de um aeroplano. Grandes ou pequenas, todas as nações poderão defender-se ou atacar. Que formidaveis transformações esperam a humanidade!

Sociedade Philarmónica Figueiroense

Relação dos donativos já recebidos

Transporte, 875400 reis—Ex.^{mo} Manuel dos Santos Abreu,—Manuel da Silva Agria,—Maximino Elias Coelho e José Simões—do Africa, 20 5000 reis; Ex.^{mo} Comendador José Mathoa, 5 5000 reis. **Somma reis, 1125400.**

Continúa.

UM SONHO

Virgem mimosa que meus passos guias,
Luz que a meus dias mil esp'ranças das,
Astro brilhante que n'um ceu d'amores,
Perfumes, flores, espargindo estás!

Ao vêr teus olhos, quantas vezes leio
Cruel receio de perder-te, amor!
Que vida triste, que maldito norte
Me aponta a sorte com tão viva dor.

Se o olvido um dia te cobrir a mente
Quero somente pensar em morrer;
Quero que saibas que por teus encantos
Desejo em prantos acabar meu ser.

Oh! quero, sim, que o teu olhar accendo
Paixão que fende meu negro porvir;
E o amor que sinto tem poder tão forte
Que só a morte o poderá partir

E até nessa hora de atroz agonia,
Que hade um dia para mim soar,
Cerrarei meus olhos para todo sempre
Lembrando um ente que jurei amar.

Virgem mimosa de supremo encanto,
Luz que a meu pranto mil esp'ranças das,
Astro brilhante que n'um ceu d'amores,
Perfumes, flores, espargindo estás!

Abstracções

Foi uma festa imponente
Essa festa militar
Que ha dias teve lugar
Para memoria immanente
Da «Guerra Peninsular»!

E para mais brilho haver
N'estas coizas seculares
Que ás vezes férem-nos ares,
Lá vimos o clero in ser
Com suas vestes talares!

Foi uma festa sem par
Essa da comm'oração
Dos feitos de uma nação
Que trez vezes pôz a andar
As tropas de um Napoleão!

E para mais brilhantismo,
Que de senhores hermozas
Fitando as armas briozas
Que ha cem annos, ó civismo,
Combatiam valorozas!

Foi uma festa brilhante
Essa festa nacional
Que ao partido liberal
Deve esse êcco retumbante
De que encherá Portugal!

E' que imponente só Marte,
Aqui como em toda a parte.

L. Malheiros.

SECÇÃO ALEGRE

BAGATÉLAS

O papagaio

D. Virginia conversava amorosamente com o primo Guilherme na varanda aonde estava um papagaio que o papá havia trazido do Rio da Prata.

Guilherme tinha um modo tão agradável de conversar, e tão doces eram as suas palavras que, o papagaio, parecia querer imital-o em tudo.

D. Virginia não prestava a menor attenção á avesinha, que parecia estar sempre distrahida nas occasiões em que os dous namorados mais se espraivavam no seu ardente amor. Quem, porem, depois da retirada dos namorados permanecesse na varanda, aonde o animalzinho estava, ouviria como elle repetia baixinho, como que para decorar, as palavras que tinha ouvido a Guilherme, com tal similhaça de voz, que chegava a illudir.

Entre os namorados houveram uns arrufos, que deram lugar a largas explicações da parte de Guilherme, que para convencimento da sua innocencia havia feito um juramento, tantas vezes repetido, que o papagaio aprendeu a pronunciar as mesmas palavras.

Balbino da Costa, pae de D. Virginia, sahia poucas vezes de casa a não ser para o jardim; passando horas esquecidas na varanda, aonde se encontrava o papagaio, com quem debicava de quando em quando.

O animalzinho papaguava umas palavras já muito conhecidas de Balbino e este estranhou por vezes, que elle pronunciasse umas outras que deixavam ao bom do velho uma tal ou qual suspeita.

Em uma manhã de linda primavera, foi Balbino para a varanda e allí se conservou por muito tempo a ler os jornaes que lhe tinha trazido o ultimo paquete do Brazil.

O papagaio estava n'esse dia com uma pronuncia clara e cheio d'animacção tão engraçada, que Balbino deixou por vezes de ler para o ouvir.

Entre muitas phrases que a avesinha papaguou houve uma que muito surprehendeu Balbino, sendo esta: —Peço lhe prima Virginia que acredite no meu juramento. Nunca amei outra mulher.

Tantas vezes o papagaio repetiu as palavras, que Balbino, levantando se irado, exigiu que a filha lhe dissesse quem havia pronunciado taes palavras para que a avesinha as aprendesse.

FOLHETIM

O MAU CONSELHO

I

Certo dia o José Russo encontrou na estrada um vagabundo como elle. Era quasi noute. O sol havia já desaparecido do horizonte e as primeiras sombras começavam a esbater se pela terra silenciosa.

O José Russo tinha fome e assim o confessou, ao pedir uma cacha de pão. O companheiro de encontro abriu o sacco que levava ao hombro, tirou de dentro um pedaço de pão duro e disse:

—Hoje não tenho outra cousa; amanhã veremos o que a sorte dá, pois nem sempre se ha de comer pão duro.

—A mim a sorte dá sempre o mesmo—murmurou o José Russo—Se fome tenho com fome fico.

—Porque és um tolo; faze como eu. Rouba.

O José Russo esbugalhou os olhos de surpresa.

—Tens uma excellente occasião para isso. Vai por essa estrada fóra, passa a ponte, segue ao longo de um

pinhal ao fim do qual fica uma quinta com uma casa que parece um castello, um parque sem muros, pomares, latadas e até jardins. E' quinta de gente rica, que vem allí passar o verão. Presentemente não está lá ninguém; o proprio creado que a guarda, acha-se doente e quanto ao cão, como viesse sobre mim por ter comido dous cachos de uvas, tal paulada lhe dei no focinho que com certeza não volta. A occasião, como vêes, não pôde ser mais propicia. Aproveita a, meu homem, se é que tens coragem. Em uma volta de mão pôdes ter com que comprar á larga pão menos duro que esse que te dei e estás comendo.

O José Russo escutou este conselho como que indifferente a tudo.

O companheiro de encontro despediu se, regougando:

—Se não te acozanhos no assalto á quinta que te indico, é porque tenho outro golpe projectado, que deve render muito mais. A questão é de haver sorte. Adeus!

O José Russo, ao ficar só, quedou-se algum tanto indeciso sobre o caminho-a seguir. Como se estava em meados de setembro e as noutes eram amenas, deitou se em uma dobra de terreno, tendo por docel o

espaço immenso fulgurante de estrelas e por cobertura o relento nocturno. E assim dormiu como um filho das tristes herbas e das aguas correntes, como diz o povo.

Ao alvorecer, acordou e poz-se logo a caminho, espicaçado por uma aragem fresca e por uma nebrina ligeira, transparente, mas humida. De um e outro lado da estrada viam-se campos de milho, que não levariam muito a ser ceifados.

O José Russo passou a ponte lançada sobre um rio pequeno, n'aquelle momento quasi sem agua.

Caminhava ligeiramente, com os pés mettidos em umas alpercatas já bastante deterioradas, com as calças rotas e cheias de remendos; camisa esburacada e jaqueta lançada ao hombro. Avançava como uma sombra silenciosa. O seu rosto era o de um homem prematuramente envelhecido, enrugado pelo soffrimento, emagrecido pelas privações e parecendo nada exprimir. Só eos olhos se divisava certo brilho. A barba e os cabellos grisalhos podiam ainda assim distinguil-o dos outros vagabundos.

Os companheiros de encontro, os lavradores que no inverno lhe davam agasalho em qualquer arribana de recolher gado só o conheciam pelo

nome de Russo. Para todos era o Russo e nada mais.

Depois de ladear o pinhal que o outro vagabundo lhe indicara, diviso a quinta, cuja casa, toda moderna, com ares de castello e de chalet, ficava a uns cem metros da estrada, por detraz de um pequeno parque plantado de arvores exoticas, sobranceira á planicie, aos campos que se desdobravam a perder de vista e pareciam ir entestar ao longe em uma linha de serras escavadas e escuras.

O José Russo deteve-se. Tinha diante de si a casa em que lhe falara o fortuito companheiro, ao dar-lhe o conselho de ir procurar pelo roubo o pão para comer.

N'aquelle momento o conselho martelava-lhe a cabeça. Aquella casa não estava guardada; penetrar n'ella não seria muito custoso e então...

O José Russo deteve-se; depois deixou se cahir sobre um cômodo relvado, quedando-se com a cabeça pendente sobre o peito, em attitude pensativa.

Sem querer, assaltava-o uma especie de desfallecimento moral, pois era a primeira vez que se deixava tentar pela idea de roubar.

(Continúa).

D. Virginia, que tinha por seu pae veneração, não quiz mentir-lhe e, senta a menor excitação, contou-lhe tudo, pedindo-lhe que consentisse na sua união com o primo Guilherme, que era o unico homem que seu coração havia escolhido para esposo.

Balbino da Costa commovido pela franqueza de sua filha annuiu ao casamento; mas preveniu-a de que nunca se esquecesse de que, muitas vezes, até as paredes tem ouvidos.

Estão em Lisboa—chegados ha dias—349 medicos allemães!

Que virá tal «esculaparia» fazer á nossa capital?

Como lá fóra é fama que ella padece de «makavenskismo agudo», virá talvez cural a d'essa doença.

Pobre Ulissipo!

Z.

SECÇÃO HISTÓRICA

OS FRADES DE JOÃO DE LEMOS

Pois o diabo era parvo, que vos desse palácios, curragens, banheiros, prostituições, embriaguez, poderio, a troco d'uma alma inteiramente morta para os affectos; que não comprehendesse a dor moral, nem as harmonias suaves que ha entre o Universo e o homem? uma alma sempre em noite, e na qual nunca penetrasse a saudade mysteriosa do ceu?

De que lhe serviria para commoço a sua terribilissima herança d'uma eternidade de tormentos?

E enganastes por força o diabo! E enganastes-o traçoicamente, como mercadores judeus.

Oh! deixa-me dizer tudo isto; por que a imagem do beneditino está gravada na minha alma como um remorso; e sinto lá fóra a chuva que lhe agoita as faces ardentes de febre, o tufão que lhe revolve as cans velhas, a torrente que lhe alaga os pés descalços.

As lagrimas do sacerdote, só, mendigo, nú, esfamado, são como uma tremenda maldição contra nós, maldição que ha de cumprir-se.

A arte moderna parece ter achado os mais poderosos meios de excitar a compaixão e o terror: tudo quanto a arte antiga tinha de pathetico e terrivel, sentimol-o hoje frouxo e pallido. Se houvesse porém genio de bronze e de fogo capaz de traduzir em palavras humanas o drama horribilissimo das ultimas agonias da vida monastica em Portugal, aquelle que lêsse uma só vez esse livro monstruoso e incrível, poderia depois ao deitar-se conciliar o somno com o «Leprozo d'Aosta», com o «Fausto», com o «Manfredo» ou com os «Ultimos dias d'um sentenciado».

Os martyres primitivos morriam nos eculeos, nas garras das feras, nos leitos de fogo; mas não eram condemnados a viver assentados sobre as ruinas de todos os seus affectos, clamando ao Senhor durante annos: «Erue me! Erue me!»

Fizestes uma coisa absurda e impossivel: deixastes na terra cadaveres vivos, e assassinastes os espiritos.

Ao menos que esses cadaveres não sintam traspasal-os o vento que sibilla nas sarças, a chuva que alaga

as campainhas, o frio que entorpecê as plantas e os membros dos animaes.

Pão para a velhice desgraçada!

Pão para metade dos nossos sabios, dos nossos homens virtuosos, do nosso sacerdocio!

Pão para os que foram victimas das crengas—minhas, vossas, do século—e que morrem de fome e de frio!

Senão, que os pobres monges inclinem resignados a frente na cruz do seu martyrio, e alevantem uma oração fervorosa ao Senhor para que perdõe aos algozes que n'ella os pregaram.

E' este o exemplo que na terra lhes deixou o Nazareno.

Mas que os poderosos do mundo se lembrem de que a oração de Jezus na hora suprema da agonia foi desattendida do Eterno; e todavia Jezus era o seu Christo.

Que olhem para essa nação que floctua ha 18 séculos no pégo da sua infancia, maldicta de Deus e apupada pelo género humano, sem nunca poder submergir-se nos abyssos do passado e do esquecimento.

Que se lembrem do proprio nome, do nome de seus filhos, de que ha justiça no ceu e na terra a posteridade.

Se nos seus corações restam vestigios de crengas humanas, que meditem uma hora, um minuto, um instante n'isso tudo.

Das profundezas de tal meditar surgirá uma ideia que lhes fará manar da frente o suor frio da morte; porque será uma ideia tenebroza e terribilissima.

A. HERCULANO.

D. Sebastião e D. Aleixo

Querendo El-Rei sair a passeio e perguntando-lhe o estribeiro que cavallo queria sellado, D. Sebastião lhe apontara um rebellão tão duro de bocca como fogo, acrescentando que por isso mesmo o queria, porque nunca receára o perigo.

Mas D. Aleixo que era prezente e via que se houvesse algum desastre, sobre elle carregariam todas as culpas, pois que sendo seu Aio não havia impedido, accudiu logo dizendo:

—Senhor: Escolha V. Alteza, o cavallo que quizer, menos esse, porque n'elle corre perigo o decoro de sua pessoa.

Enfadado El-Rei com o dicto de D. Aleixo, mais se empenhou, dizendo-lhe que era aquelle e não outro que havia de montar.

—Pois senhor, disse então D. Aleixo, se V. Alteza proceder contra a direcção do seu Aio no que toca ao seu bem, desde já me dou por despedido do officio.

Sahira D. Sebastião para outra sala, mostrando-se um pouco colérico pela liberdade da resposta do seu Aio, tendo um dos filzalgos que alli estavam e tinha ouvido os éccos da altercação, accudido logo a beijar-lhe a mão e a applaudir-lhe o gosto, dizendo que as vontades dos Reis eram soberanas e não escravas, etc. etc.

Mas El-Rei, sem embargo da sua grande paixão nem da sua pequena idade, reconheçera logo aquelle toque d'adulação e, voltando para dentro, disse:

—D. Aleixo mandae sellar o cavallo que quizerdes, porque já alli

fóra me beijaram a mão por vos ter desobedeido.

—Se elle assim tivesse attendido aos conselhos que antes da sua ultima partida para Africa lhe foram dados, não teria elle sido morto em Alcaeer-Kebir, com a flor da sua nobreza em 1578.

L. M.

Buscar Ian

Querendo um dia o Marechal de Saxe mostrar que era um verdadeiro Hercules, entrou n'uma loja de ferrador com o pretexto de ferrar o cavallo.

E, tendo examinado as ferraduras que estavam dependuradas, perguntou se as não havia melhores, ao que o dono da officina respondeu negativamente, mas affirmando que aquellas eram excellentes.

Então o Marechal, querendo mostrar que ellas eram de má qualidade, pegou successivamente em 5 ou 6 que á mão—está claro—ia quebrando pelo meio.

O ferrador estava abysmado, mas nem pio.

Por fim o Marechal fingiu que encontrara uma melhor e manda-a collocar no cavallo.

Concluida a operação, o Hercules pôe um escudo de prata sobre a bigorna, e preparava se para montar, quando o ferrador lhe diz:

Perdão, senhor, assim como appliquei uma boa ferradura ao seu cavallo, assim tambem tenho o direito de não receber dinheiro d'este.

E, ao mesmo tempo que pronunçava estas palavras, partia entre os dedos a moeda de prata, fazendo successivamente o mesmo a mais 4 ou 5 que o Marechal lhe ia passando.

—Tem razão, meu amigo, diz afinal o Hercules: agora vejo que nenhum dos meus escudos é bom. Mas aqui tem um «Luiz» d'ouro, que me não parece mau.

—Os dictados não foram feitos por tolos: «Aonde ha um, ha outro.» E tanto pôde ser Ferrador como Marechal.

L. M.

Mestre Hyram

Falla assim aos seus adeptos em 1819 pela bocca da maçonaria italiana:

«Esmague o inimigo; mas, sobre tudo, esmague-o no ovo. E' preciso ir á juventude, é a esta que é preciso seduzir, que é preciso arrastar, sem que ella dê por isso, para debaixo das bandeiras das sociedades secretas. Deveis ter apparencia de simples como as pombas, mas ser prudentes como as serpentes. Vossos paes, vossos filhos, vossas proprias mulheres devem sempre ignorar o segredo que trazeis convosco; e, se vos agrada, para melhor illudir o olhar inquisitorial, podeis ir muitas vezes á confissão; tendes por direito auctoridade para guardar o mais absoluto segredo sobre estas coizas.

«Deixae de parte a velhice e a idade viril: ide á juventude e, se possivel fór, até á infancia.

«Não desanimemos por um successo perdido, nem mesmo por uma derrota. Adulemos todas as paixões, as mais perversas como as mais ge-

nerozas, e tudo nos leva a crer que este systema excederá um dia os nossos mais audaciosos calculos.»

E mestre Karl accrescentava a 10 de Março de 1906:

«A escola devê ser o ponto d'apoio de todas as nossas alavancas. A escola e sempre a escola. A lucta contra o crime religioso deverá ser o nosso grito de guerra.

«Que a religião nada tenha que ver com a escola.»

—Paes de familia e homens sensatos, ponderae bem as pequenas transcripções supra e vede que o fim da grande seita é deschristianizar para depois tyrannizar, porque antes d'isso lhe é impossivel estabelecer o seu regimen de sangue e de força.

L. M.

ANNUNCIOS

Venda de predios rusticos e urbanos

Vendem-se os que em Villas de Pedro possuem Joaquim Abreu & Irmão.

Quem pretender dirija-se aos mesmos em Cuba—Alemtejo.

LATOARIA

E

CALDEIRARIA CENTRAL

MIGUEL HENRIQUES FERNANDES

com

OFFICINA DE LATOARIA
E CALDEIRARIA

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes a estes dois ramos de industria, para o que tem pessel habitado.

Preços modicos

Rua Everard, 103—105

THOMAS

ADUBOS CHIMICOS

DA CASA

Henry Bachofen & C.
DE LISBOA

A mais importante fabrica do paiz e unica onde se fabricam superphosphatos

Aos que ainda não tenham applicado os adubos chimicos nas suas sementeiras, pede-se a fineza de informar-se, sobre o resultado obtido com os adubos da casa **Henry Bachofen & C.**

Em Figueiro dos Vinhos—Sr. Manuel Rodrigues Perdigão.

Em Pedrogam Grande—Srs. Dr. Eduardo Magalhães e José Pires.

Em Castanheira de Pera—Sr. Antonio Alexandre Alves Correia.

Em Certã—Sr. David Eunes e Silva.

Em Pedrogam Pequeno—Sr. Familia Serra.

Alem de outros competentes consumidores.

Todos os pedidos podem ser feitos directamente aos fabricantes, ou ao

Grande deposito
em Pedrogam Grande de
Manoel Rodrigues

RELOJOARIA BARROCAS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de mesa e parede; relógios monrês de pesos com figura na pendala; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas — Volcan Longines Civil Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruzes, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE

SANTO ANTONIO DOS MILAGRES

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

Pedidos directamente á fabrica.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2.183. Telegr.ª

«Leque» — LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitação encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciais, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espólios, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunaes superiores

Pendencias, e n todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

Recbimentos, de dividas, rendas,

fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Annuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

Assigaaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.ª — R. Nova do Almada, 111 a 213.

Paiva Irmãos — Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.º) — R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retozaria) — R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho — R. de S. Paulo, 188.

Joaquim Pires Mendes — R. dos Bacalhoiros, 28.

Jeronimo Martins e Filho — R. Garrett, 13 a 19.

Alfonso de Barros & C.ª — R. Augusta, 72 a 79.

HOTEL CUNHA

AOS visitantes d'esta fermosa Villa, se recommenda o Hotel Cunha pelo seu bom tratamento, boas accommodações e esmeradissimo asseio.

Preços convidativos.

O Proprietario

João Pedro Godinho

FIGUEIRÓ DOS VINHOS.

Nota.—Este «Hotel» fica proximo da Alquilaria do Sr. José Teixeira d'Araujo.

FABRICA DE SABÃO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem já á venda por grosso, todas as marcas de sabão uzadas até hoje.

Qualidades garantidas a preços resumidos.

Os proprietarios

José Henriques da Silveira & Silva.

Usae o Fuminol

Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol» — que é inoffensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remette-se a quem enviar a sua importancia á

—PHARMACIA CAMPOS—

Estarreja—Sabeu

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia,

bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisalo da sua chegada a Lisboa.

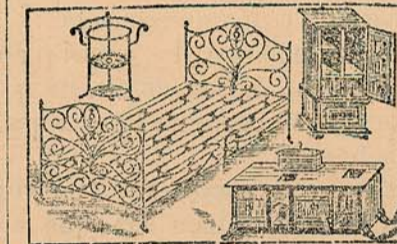
No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

NA LOJA

DOS

QUATRO GLOBOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000,

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.

—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOÃO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Campanhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, escrupulizando-se no asseio.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e peliscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepcionaes para esta terra.

— CAZA DO BARATEIRO —

Esta caza commercial, situada por baixo do Hotel Commercial, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de mercaria, tudo por preços convidativos.

Na CASA DO BARATEIRO, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

Eia pois! Ide á loja do Barateiro, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.